

# Carlos Drummond de Andrade – A suposta existência

Como é o lugar  
quando ninguém passa por ele?  
Existem as coisas  
sem ser vistas?

O interior do apartamento desabitado,  
a pinça esquecida na gaveta,  
os eucaliptos à noite no caminho  
três vezes deserto,  
a formiga sob a terra no domingo,  
os mortos, um minuto  
depois de sepultados,  
nós, sozinhos  
no quarto sem espelho?

Que fazem, que são  
as coisas não testadas como coisas,  
minerais não descobertos – e algum dia  
o serão?

Estrela não pensada,  
palavra rascunhada no papel  
que nunca ninguém leu?  
Existe, existe o mundo  
apenas pelo olhar  
que o cria e lhe confere  
espacialidade?

Concretitude das coisas: falácia  
de olho enganador, ouvido falso,  
mão que brinca de pegar o não  
e pegando-o concede-lhe  
a ilusão de forma

e, ilusão maior, a de sentido?

Ou tudo vige  
planturosamente, à revelia  
de nossa judicial inquirição  
e esta apenas existe consentida  
pelos elementos inquiridos?  
Será tudo talvez hipermercado  
de possíveis e impossíveis possibilíssimos  
que geram minha fantasia de consciência  
enquanto  
exercito a mentira de passear  
mas passeado sou pelo passeio,  
que é o sumo real, a divertir-se  
com esta bruma-sonho de sentir-me  
e fruir peripécias de passagem?

Eis se delineaia  
espantosa batalha  
entre o ser inventado  
e o mundo inventor.  
Sou ficção rebelada  
contra a mente universal  
e tento construir-me  
de novo a cada instante, a cada cólica,  
na faina de traçar  
meu início só meu  
e distender um arco de vontade  
para cobrir todo o depósito  
de circunstâncias coisas soberanas.

A guerra sem mercê, indefinida,  
prossegue,  
feita de negação, armas de dúvida,  
táticas a se voltarem contra mim,  
teima interrogante de saber  
se existe o inimigo, se existimos  
ou somos todos uma hipótese

de luta  
ao sol do dia curto em que lutamos.

**Carlos Drummond de Andrade, A Paixão medida**